

Carlos Éldani Davissara

PENUMBROSA

Ilustrações do autor



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

ILUSTRAÇÕES
do autor

REVISÃO
Otacília Andrea Valadão de Sales

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E37P. ÉLDANI DAVISSARA, CARLOS. 1981-
PENUMBROSA / CARLOS ÉLDANI DAVISSARA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

214 p. Il.: 21 cm.

ISBN 978-85-5833-250-7

1. FICÇÃO 2. LITERATURA INFANTOJUVENIL
I. TÍTULO

CDD.: 028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

CAPÍTULO 1



*A*PRESENTANDO: BETE PENUMBROSA

ANTES DE TUDO, BOM DIA!, boa tarde!, boa noite! (ou até boa madrugada!, sendo o caso...).

Se você está se propondo a ler esta história, nada mais natural do que nos cumprimentarmos, não? Afinal, o laço que une quem conta uma história e quem a escuta ou lê é algo mágico e digno dos maiores cumprimentos.

E o que, então, você está esperando para me responder?

Vamos, quero ouvir...

Estou aguardando...

“.....”

Ah, agora, sim!

E que tal cumprimentar também a heroína desta aventura? Quando quer, ela até que é bem educada. Olhe só:

— *Olá, tudo bem com você? Meu nome é Bete Penumbrosa e eu tenho dez anos. Espero que goste da minha história.*

Bem, com os devidos cumprimentos feitos, podemos começar.

Tudo partiu de um desejo antigo de nossa protagonista...

*

Bete Penumbrosa tinha um desejo antigo e profundo. Tão profundo que era quase impossível falar dele para qualquer pessoa, mesmo sendo sua melhor amiga ou seu melhor amigo. Sua família, então, é que nunca saberia mesmo! Se soubessem, talvez ela fosse expulsa de casa, ou do país, ou do planeta!, talvez levasse cascudos eternos em sua querida cabecinha de cachos ruivos, talvez ficasse de castigo até virar um esqueleto, quem sabe?

Não, não havia jeito de Bete revelar o seu desejo. O que o Sr. Penumbrosa, seu pai, diria? Quão decepcionadas ficariam suas Tritias? E mesmo Dona Viviane, sua mãe, a qual a menina já nem se lembrava do rosto direito, como se sentiria?

A verdade era que Bete Penumbrosa não queria ter nascido como nasceu, ser quem era, ter a família que tinha. E o pior e mais triste: às vezes, ela até pensava que preferiria morrer a continuar com aquela vida.

Bete odiava sua aparência. Ela tinha lindos cabelos cacheados vermelhos, a pele tão clara quanto a de um vampiro e uma deformidade no rosto. Melhor dizendo, uma deformidade em *meio rosto*. Bem, você verá...

Bete tinha um *caderno-quase-diário* onde fazia uns desenhos e escrevia algo de vez em quando. Lá pelo meio dele, numa folha secreta, Bete inventou uma brincadeira parecida com aquela da força, conhece? Era assim:

Hoje eu só queria

Onde está esse espaço em branco, ela preenchia, a lápis, conforme o que sentia no momento. Depois de uns dias, apagava e colocava outra palavra. Infelizmente, às vezes ela escrevia assim:

Hoje eu só queria MORRER

Com frequência, essas ideias tristes rondavam a mente da menina. Porém, ela deixava essa tristeza bem escondida. Por fora, Bete se mostrava agitada e alegre, até demais... Dona Rita, sua professora de Língua Portuguesa, costumava dizer: “Aquela Bete Penumbrosa é uma *feira ambulante*, e eu odeio feira, e ainda mais ambulante!”, porque a menina tagarelava e zanzava o tempo todo pela sala de aula. E essa fama de *feira ambulante* se espalhou com menos de duas semanas de Bete na escola!

Olha só o que aconteceu justo na aula de Língua Portuguesa e no primeiro dia de Bete por lá.

Todos os alunos já estavam na sala. Todos, menos Bete, que tinha uma complicada mania de atraso.

Dona Rita ainda não havia chegado, o que significava que a meninada brincava e falava sem parar, fazendo mais barulho que torcida em estádio de futebol.

Foi quando surgiu uma senhora muito velha, bem baixinha, com uns cabelos vermelhos bem cacheados. Ela tinha apenas metade do rosto à mostra, pois a outra metade estava coberta pelo cabelo.

A mulher dirigiu-se à mesa da professora. Os estudantes não soltavam um pio, nem pareciam os mesmos que faziam aquela barulheira de antes. Ficaram por uns instantes com os olhos arregalados, sem entender o que acontecia, até começarem a comentar baixinho entre si:

— Onde está a nossa professora?

— Quem é esta velha anã?

— Que cabelo é esse?!

Reparando nos cochichos, a mulher soltou logo um grito:

— Silêncio!

E não se ouviu mais nada.

— Eu sou a nova professora. Abram os seus cadernos!

Ela se sentou enquanto os alunos, atrapalhados, começaram a mexer nas mochilas. Alguns, mais nervosos, deixavam cair alguma coisa.

— Apanhe já isto, menino! — mandava a professora.

Se o medo não fosse tanto, ao menos os mais espertos teriam questionado a voz meio infantil da senhorinha. Havia algo de estranho naquela nova “professora”. Mas o susto inicial ainda persistia, e ninguém ousava perguntar nada de nada.

— Ditado! — exclamou ela. — Eu falo, vocês escrevem, ou tem algum burro aqui que não consegue nem fazer isso?

Nenhum burro se manifestou.

Olhando os rostos obedientes dos alunos, a velhota sentiu uma imensa vontade de rir. Teve que tossir para disfarçar.

— Então, começando... — disse, dando início ao ditado. — “Babacão” — foi a primeira palavra.

Em meio a risinhos abafados, os alunos escreveram.

— Ah, então, estão achando graça... — a professora comentou, irônica. — Escrevam: “cueca”.

E mais risinhos surgiram no ar.

Na verdade, a mulher era quem mais estava achando aquilo divertido, mas queria manter a pose de brava.

— Você aí do fundo — ela chamou —, traz o caderno aqui.

Um menino meio gorducho e usando boné levantou lá da última carteira. Foi andando lentamente, gingando, bancando o

malandro para disfarçar o medo que estava daquela professora doída. Quando chegou perto, ela puxou o seu caderno com rispidez.

— Deixa eu ver... — E depois de uma rápida análise, concluiu: — Que garrancho! Nem dá para ler! Sua nota é zero!

— Mas...

— “Mas”, nada! Vai sentar!

O garoto voltou de cara amarrada para a sua carteira.

Nesse momento, uma aluna com jeito de estudiosa tomou coragem para perguntar:

— O que aconteceu com a nossa professora?

A velha enrugou ainda mais sua cara de noventa anos.

— Morreu! — ela esbravejou. — E se alguém perguntar de novo da antiga professora, eu juro que vou ficar muito nervosa...

A aluna estudiosa fez menção de que iria chorar, mas se segurou. Achava que o choro ia deixar a nova professora ainda mais irritada.

— Você! — a mulher apontou para um menino de nariz pontudo e aparelho nos dentes. — Você parece esperto. Dá o caderno!

Fazendo cara de desgosto, ela começou a ler, alta e pausadamente, o que o garoto escreveu:

— “Baba, cão”?! “Baba, cão”?! Você escreveu “babacão” separado! O que você tem na cabeça, moleque?!

Ele não soube o que dizer.

— E “cuéca” não tem acento, seu cérebro de minhoca! Zero, zero, zero!

Sem reação e todo envergonhado, o menino remexia os olhos sem saber onde fixá-los, dando a impressão de estar à beira de um ataque cardíaco.

Após devolver o caderno, a idosa ficou em silêncio por alguns instantes, pensando em como poderia se divertir mais com

aqueles alunos desmiolados. Foi quando sentiu uma brisa suave tremular seus cabelos.

Os estudantes se entreolharam e um burburinho tomou conta da sala. A professora achou que eles tivessem visto alguma coisa por baixo de suas mechas vermelhas, por isso tentou cobrir melhor a metade do rosto que, até então, escondia. Porém, antes que sua mão alcançasse o cabelo, uma nova rajada de vento entrou pela janela. Desta vez, forte o suficiente para fazer os cachos da mulher esvoaçarem completamente, expondo o que tanto ela queria esconder.

Ninguém estava preparado para ver aquilo. Se você estivesse lá, com certeza tomaria o maior susto da sua vida!

A nova professora não era só uma velha, mas era também uma menina! Sim, uma menina! Metade de seu rosto tinha a aparência de uma senhora de uns noventa anos, já a outra metade era de uma menina de dez anos! Ela era uma velha-menina-duas-caras!

O pânico foi instantâneo e geral. Uns gritavam, outros escondiam-se embaixo das carteiras, alguns usavam a mochila como escudo e fugiam correndo.

O gorducho de boné, mesmo sendo o que estava mais longe da porta, foi o primeiro a sair, tropeçando em tudo o que encontrava. A aluna estudiosa, agora sim, chorava feito um bebezinho, sem conseguir se mexer. O menino de aparelho levantou-se num pulo e seguiu desesperado para a saída, ainda assim segurando o seu celular no alto para tentar filmar alguma coisa.

Depois do corre-corre, só restavam na sala a velha-menina e a garota estudiosa, ainda paralisada. Justo aí, chegou Dona Rita, a verdadeira professora. Sem saber o que ocorria, bateu os olhos em Bete e, não suportando a visão, caiu desmaiada.

“Ãh? Bete? Como assim?!”, é o que você deve estar se perguntando agora, não? “Mas, Bete não tinha se atrasado? Ela não estava na sala!”.

Bem, os mais espertos já teriam adivinhado...

Bete Penumbrosa nem havia se atrasado e nem faltado em seu primeiro dia de aula. Ela estava lá, desde o início da confusão.

Sim, é isso mesmo: a velha-menina-duas-caras era a própria Bete Penumbrosa, é claro!

E apesar desse ter sido apenas o primeiro dia da garota nessa escola, parecia que também seria o último. Será que ela merecia ser expulsa?

Ao ser levada para conversar com o diretor, Bete imaginava como o seu pai ficaria uma fera ao descobrir o que ela fez, e pensava: “Acho que desta vez eu dei uma hiperexageradinha...”



www.editorapenalux.com.br



carloeducador@hotmail.com



[/carloeledanidavissara](https://www.facebook.com/carlosedanidavissara)